



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

RESENHAS

TRAVERSO, Enzo. *Onde foram parar os intelectuais?* Belo horizonte/Veneza: âyiné, 2020.

Em busca de sentido: a formação e o declínio dos intelectuais na contemporaneidade

Ana Maria Lucia do Nascimento (anamarialuciadonascimento@gmail.com)
Doutoranda em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Ninguém pode contestar que as maiores revoluções no mundo tenham sido iniciadas a partir de uma ideia, por meio de um intelectual. A atuação dos sujeitos que criticam e refletem sobre sua realidade é de suma importância, mas ultimamente o que se entende por intelectual e, até mesmo, as mudanças que ocorrem a partir deles têm sofrido muitas alterações. Em meio a todos esses entraves, Enzo Traverso, em seu novo livro, questiona: *Onde foram parar os intelectuais?*. No título, publicado em 2020 no Brasil, o autor não quer analisar as antigas revoluções, mas mostrar como o compromisso histórico desses “grandes homens” está em declínio na contemporaneidade. Além disso, discute com veemência quais são os caminhos que formam um intelectual, o papel das tecnologias e das mídias na mudança desse antigo ofício e os interesses individuais mascarados de neutralidade.

As respostas dadas para a pergunta “Onde foram para os intelectuais?” são muitas, mas antes de explorá-las começemos por apresentar o intelectual por trás da obra. Enzo Traverso é um pensador italiano que, licenciado em História pela Universidade de Gênova, segue suas pesquisas até o doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales. Fato é que em 1989, justamente no emblemático ano da queda do muro de Berlim, ele conclui sua tese de doutoramento. A partir de então, várias obras do historiador italiano foram e estão sendo traduzidas para vários idiomas. Numa pesquisa rápida no *google* podemos ver muitas das entrevistas concedidas por ele e comentários a respeito, por exemplo, do embate entre Israel e a Palestina. Assim, através da influência de suas ideias, ele se consolida como um dos renomados especialistas da história no século XX.

Para além das várias palestras, aulas e entrevistas que ele já concedeu, alguns de seus trabalhos foram traduzidos para o português. Entre eles podemos citar *Melancolia de esquerda: marxismo, história e memória*, de 2018; *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita*, de 2021, e o livro ora resenhado, todos publicados pela Editora Âyiné.

Diferentemente dos livros anteriores, *Onde foram parar os intelectuais?* é, na verdade, fruto de uma entrevista concedida ao jornalista Régis Meyran, que é titular de um doutorado da EHESS em antropologia social e etnológica, editor e jornalista especializado em Ciências Sociais e particularmente em antropologia (Sciences Humaines, Pour la Science, Alternatives Économiques). Na longa entrevista, Traverso é confrontado com algumas das questões políticas que borbulham no meio acadêmico a respeito da formação e deterioração da figura do intelectual. De modo geral, a obra é construída através das perguntas de Meyran e das respostas de Traverso. Nesse sentido, o livro está dividido em três partes: *Do nascimento ao eclipse dos intelectuais*, *A ascensão dos neoconservadores* e, por fim *Quais são as alternativas para o futuro?*

Na primeira parte, intitulada *Do nascimento ao eclipse dos intelectuais*, o autor busca, concentrando-se nos casos europeus, definir o que tornaria alguém um intelectual. Para isso, recorre ao que seria o “momento fundador”, ou seja, o caso Dreyfus na França e todas as ramificações a partir dele. Nesse sentido, o intelectual, segundo Traverso, toma forma quando “questiona o poder, contesta o discurso dominante, provoca a discórdia, introduz um ponto de vista crítico” (p.11). A questão é que com a sociedade de massa altera-se significativamente esse conceito, pois a expansão capitalista, o *boom* da imprensa e o conflito de visões entre esquerda e direita modificam o que se percebia como intelectual, mudam a demanda, transformam a estrutura. Afinal, “o espaço público é um campo magnético em que se enfrentam forças e correntes antagônicas” (p.18).

Nesse contexto, o sujeito que antes era tido como crítico dos dilemas sociais, tornou-se mais um símbolo da elite, usa sua autonomia e ideias como mercadoria num intenso mercado de trocas. Dessa forma, já não pode ser chamado de intelectual e, sim, de especialista, uma vez que é um produto da indústria cultural nascente e se difere, e muito, do intelectual.

A segunda parte – *A ascensão dos neoconservadores* – é focada na década de 1980 e aborda o eclipse dos intelectuais. O autor defende que, a partir desse período, tornou-se indispensável repensar o status do intelectual, pois ele mudou, uma vez que hoje é um trabalhador como qualquer outro, e sofreu um rebaixamento. Atualmente, um professor universitário e um jornalista podem ser considerados intelectuais, embora eles não se considerem, muitas vezes, membros de uma elite, nem no plano material, nem no simbólico. Um dos pontos de debate é justamente a massificação das universidades e a alteração do status social desse intelectual. Essa necessidade de produção que atinge o meio acadêmico ocasiona, para o autor, o rebaixamento do termo intelectual, que agora é um proletário da produção que compete com outros intelectuais que o cercam.

Com essa proletarização do intelectual, a mídia se fortalece como um dispositivo que intenta conduzir a massa a um constante ato de confiança diante de tudo. Além disso, os próprios partidos políticos, que antes se beneficiavam desses pensadores para organizar e delimitar suas ideologias, preferem investir atualmente em marketing.

Soma-se a isso a premissa de que o mercado tem modificado constantemente a noção do intelectual, porque ele “[...] já não é um vetor de difusão de ideias, pois elas são fortemente influenciadas pelo próprio mercado. É a lógica da indústria cultural” (p.59). É comum que no nosso dia a dia testemunhemos, por exemplo, a indústria cultural e sua ligação com o mercado. Podemos observar isso em todo o marketing apelativo de “fim de mundo”, ou seja, as famosas teorias da conspiração que são usadas, justamente, para vender produto, livros ou ideias sem base alguma.

Na última seção, *Quais são as alternativas para o futuro?*, Traverso discute os não tão recentes tipos de intelectuais na contemporaneidade. Nesse sentido, recorre ao termo “intelectual específico”, noção desenvolvida por Foucault para designar os cientistas e universitários que não atuam politicamente a favor dos grandes valores universais. De outro lado, como consequência da setorização dos saberes, surge o termo “intelectuais especialistas” que, dentro da universidade de massa, estabelecem suas pesquisas tentando parecer neutros. Como consequência disso, são esses sujeitos os escolhidos para performarem em programas de televisão, como comentaristas ou intérpretes, sem nunca questionar o sistema. Em resumo, a crítica do autor “não é tanto a especialização dos saberes e o advento do intelectual específico (que é fruto daquela), mas sim sua contraposição ao intelectual universal, pois isso significa, na maioria dos casos, uma prática da expertise que exclui a crítica” (p. 84).

Apesar de toda essa discussão, *Onde foram parar os intelectuais* deixa algumas lacunas. A fala do autor concentra-se, majoritariamente, na Europa e nas ações históricas envolvendo esse continente. Além disso, se o intelectual é uma figura que, por meio da criticidade, advoga a favor de causas universais, quais são essas causas? Não ficou claro. Como a obra é estabelecida através de perguntas e respostas, como foi citado anteriormente, algumas respostas carecem de aprofundamento, parecendo, vez ou outra, tratar de modo vago de assuntos importantes. Percebe-se também que, apesar de mencionar Hannah Arendt, Traverso não discute de forma mais aprofundada sobre as mulheres intelectuais. Essa ausência causa bastante incômodo, pois era a intenção do autor fazer, mesmo que de modo breve, uma busca pela gênese do movimento intelectual. Não existem outras mulheres importantes nesse sentido?

Ainda que o livro gere no leitor algumas perguntas sem respostas, existem outras obras que podem servir de complementação para quem se interessa pelas noções e discussões em torno do conceito de intelectual e sua fragmentação na contemporaneidade: 1) *Os intelectuais e a sociedade*, Thomas Sowell; 2) *Representações do intelectual*, Edward W. Said; 3) *Sociologia dos Intelectuais*, Gérard Leclerc; 4) *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, Norberto Bobbio.

Em resumo, para além dos apontamentos levantados anteriormente, “*Onde foram parar os intelectuais?*” não deixa de ter sua relevância diante da problemática que aborda. Enzo Traverso, como um intelectual crítico, fala com propriedade e bagagem a respeito do que é um intelectual e de como ser um, atualmente, é um ato de coragem.

Referências

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo:** populismo e a extrema direita. Belo Horizonte/Veneza, Âyiné, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **Onde foram parar os intelectuais?** Belo Horizonte/Veneza, Âyiné, 2020.

TRAVERSO, Enzo. **Melancolia de esquerda:** marxismo, história e memória. Belo Horizonte/Veneza, Âyiné, 2018.

Resenhas

Recebido em: 06 fev. 2024.

Aprovado em: 31 jul. 2024.